

Teatro nórdico com tempero latino

Rachel Almeida

Depois de Shakespeare, o norueguês Henrik Ibsen é o dramaturgo mais montado do mundo. Pois este ano, quando são lembrados os cem anos de sua morte, as obras realistas, que pregam a liberdade do indivíduo e o levam à reflexão sobre seus direitos, serão adaptadas mais intensamente ainda. Em agosto, acontece em Oslo o festival Centenário Ibsen na Noruega. Representantes de mais de 50 países estão sendo esperados para participar do evento, que conta com palestras, exposições e, claro, espetáculos. Possivelmente, a montagem brasileira de *O pequeno Eyolf*, da fase simbolista do dramaturgo, estará na programação. A peça, montada em 2004 pelo paranaense radicado no Rio de Janeiro Paulo de Moraes, diretor da Companhia Armazém de Teatro e vencedor do último Prêmio Shell por *Toda nudez será castigada*, provavelmente será a única atração da América Latina.

Quem vai decidir se a produção vai ou não para Oslo é o estudioso Helge Rønning, do comitê do projeto norueguês e participante Festival Centenário Ibsen, que estréia hoje no Espaço Sesc, em Copacabana. Além da apresentação da montagem de Paulo de Moraes, o evento conta com quatro leituras dramatizadas e palestras

gratuitas sobre a obra do autor.

– Teremos mais de cem atrações em Oslo em agosto e setembro e esperamos levar *O pequeno Eyolf*. Queremos ver como é a adaptação de sua obra feita por outras culturas. Teremos, por exemplo, uma *Casa de bonecas*, de Maputo, que aborda o papel da mulher na sociedade moçambicana – exemplifica Rønning.

Para ele, mestre em literatura comparada, professor da

Universidade de Oslo e com trabalhos em instituições de ensino na África, Europa e EUA, há espaço para criação nas remontagens de Ibsen, desde que não se perca a idéia central da trama. Na noite de abertura do projeto, ele profere a palestra Modernidade e Liberdade na Obra de Henrik Ibsen com Enfoque em *O pequeno Eyolf*.

– Há espaço para liberdades. Na *Casa de bonecas* de Moçambique, a protagonista Nora

aprende o samba e não a tarantella italiana do original; e o amigo do casal morre de Aids e não de sífilis. Mas a discussão central sobre a questão feminina não se perde. No caso de *O pequeno Eyolf*, a relação entre pais e filhos e a discussão da sexualidade têm que estar em evidência, mas há espaço para mudanças, sempre – diz.

Rønning soube da montagem por meio de comentários do embaixador da Noruega Jan



DIVULGAÇÃO

'O pequeno Eyolf', dirigido por Paulo de Moraes: elogios do embaixador da Noruega

Gerhard que, encantado com a adaptação, assistiu ao espetáculo em diferentes cidades brasileiras. Hoje, ele também dá uma palestra no festival. O tema é *Ibsen e Grieg – A natureza como fonte de inspiração*.

– Gerhard diz que o Paulo de Moraes fez uma adaptação latina do clássico, optando por um tratamento incomum nas montagens européias. Colocou atores descalços em cena como se estivessem em um lago para sugerir a geografia da Noruega – diz a idealizadora do projeto e atriz da peça, Tânia Pires.

O cenário a que a artista se refere, criação de Paulo de Moraes e Carla Berri, é composto por uma lona com 2 mil litros de água. O diretor não sabe dizer se sua encenação é moderna, mas não se preocupa com isso.

– É minha leitura do texto, sem mudanças, só com alguns cortes. Achei interessante esse visual dentro d'água porque dá idéia de isolamento dos personagens. Vai ser uma delícia se pudermos apresentar para público acostumado com o texto.

As leituras acontecem às quintas-feiras. O diretor Moacyr Góes inicia o ciclo com *Solness, o construtor*, seguido por Eduardo Tolentino (*Um inimigo do povo*), Moacir Chaves (*Hedda Gable*) e José Celso Martinez Corrêa (*Quando despertarmos entre os mortos*). A peça fica em cartaz de sexta a domingo.